

ANEXO O

Projeto URBISAmazônia

Qual a Natureza do Urbano na Amazônia Contemporânea?
Apontamentos para um Diálogo com Políticas Públicas Climáticas e Ambientais Consequentes para a Região

CONVITE



Reunião Técnica (Presencial)

Ano 1

05/03 e 06/03, 2012

INPE, SJC

Agenda

A Coordenação Técnico-Científica do Projeto URBISAmazônia e o coletivo institucional que forma sua Rede de Pesquisa e Operação convidam sua participação na *Primeira Reunião Presencial* para o URBIS-Meso e URBIS-Micro que será realizada nos dias 5 e 6 de Março de 2012 nas dependências do INPE em São José dos Campos.

Contamos com a sua participação!

Coordenação Geral Técnico-Científica

Antônio Miguel Vieira Monteiro, DPhil
INPE- Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais

Ana Cláudia Duarte Cardoso, PhD
ITV-DS – Instituto Tecnológico Vale –Desenvolvimento Sustentável

Um Projeto do Coletivo URBISAmazônia:



Projeto URBISAmazônia

Qual a Natureza do Urbano na Amazônia Contemporânea?

Apontamentos para um Diálogo com Políticas Públicas Climáticas e Ambientais Consequentes para a Região



Reunião Técnica (Presencial)

Ano 1

05/03 e 06/03, 2012

INPE, SJC

Agenda

A Coordenação Técnico-Científica do Projeto URBISAmazônia e o coletivo institucional que forma sua Rede de Pesquisa e Operação agradecem sua participação na *Primeira Reunião Presencial* para o URBIS-Meso e URBIS-Micro que será realizada nos dias 5 e 6 de Março de 2012 nas dependências do INPE em São José dos Campos.

Contamos com a sua participação!

Coordenação Geral Técnico-Científica

Antônio Miguel Vieira Monteiro, DPhil
INPE- Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais

Ana Cláudia Duarte Cardoso, PhD
ITV-DS – Instituto Tecnológico Vale –Desenvolvimento Sustentável

Um Projeto do Coletivo URBISAmazônia:



AGENDA

INPE, São José dos Campos, 5 e 6 de Março de 2012
Auditório *José Simeão de Medeiros*
Laboratório TerraME-Galileu – Prédio LabGeo

Agenda Proposta

Dia 1 – 05/03 – Segunda-feira (Manhã)

09:00h Abertura: Agenda e Dinâmica da Oficina.
A. Miguel V. Monteiro e Ana Cláudia Cardoso

09:15h Rodada de Apresentação

Foco 1: Contribuições dos Estudos MICRO no URBIS

09:30h (Re)Visitando a Lógica da MICRO ESCALA e suas Interfaces
Miguel e Ana

Bloco 1: Aspectos Metodológicos: Em Busca de Sinergias e Convergências

09:45h Estudos MICRO-MESO no INPE: Dinâmica das MicroRedes
Silvana Amaral

10:15h Estudos MICRO-MESO no INPE: Métodos de Investigação da Paisagem
Isabel Escada

10:45h Cafézinho!

11:00h Migração e Mobilidade: Aspectos Metodológicos do Trabalho com Dados Censitários e *Surveys* de Campo no NEPO.
Roberto do Carmo, Ricardo Dagnino e Marcio Caparroz

11:30h A Perspectiva URBIS MICRO-MESO em BH: Possíveis Interfaces
Sibelle Diniz e Ana Carolina

12:00h A Perspectiva URBIS MICRO-MESO em Belém: Possíveis Interfaces
Ana Cláudia e Marcilia Negrão e Fabrício Guedes

12:30h Discussão e Encaminhamentos para a Pauta Vespertina
Relatora: *Ana Cláudia*

Produto-Meta:

1. Definir a *área-foco* para início dos estudos: URBIS-1, URBIS-2 ou URBIS-3

13:00h Almoço

Dia 1 – 05/03 – Segunda-feira (Tarde)

Bloco 2: Encontros Transversais: Construindo Métodos e Linguagem

14:30h Sessão Vespertina

Moderador: *Miguel*

Relator: *Fred Ramos*

Dinâmica: Discussão de estratégias para adaptação metodológica e possibilidades de trabalho conjunto.

Produtos-Meta:

1. Identificação dos Núcleos com potencial imediato para o trabalho cooperativo. Definição do nível da cooperação. Definição de necessidades. Definição dos meios necessários à cooperação.
2. Discussão das Possibilidades de Campo conjunto. Como, Onde e Quando ?

16:30h Cafezinho !!

16:45h Tudo que Você sempre Quis Saber sobre *Wikis* e nunca Teve Coragem para Perguntar: Capacitação Ultra-Super-Rápida para Trabalhar com a Página Web do URBIS. [<http://www.dpi.inpe.br/urbisAmazonia/>]

Instrutor: *Miguel*

17:15h Clareando as *Interfaces* MESO-MICRO

Moderador: *Ana*

Dinâmica: Discussão até onde *abrimos* para caracterização descritiva, qualitativa as *Cidades-Nós* no URBIS. Tipologias de Padrões de Paisagem. Desenho e Morfologia das Sedes de Cidades-Nós. Métodos. Métricas. Até onde?

Produtos-Meta:

1. Identificação dos Núcleos com potencial imediato para o trabalho cooperativo. Definição do nível da cooperação. Definição de necessidades. Definição dos meios necessários à cooperação

17:15h Encerramento do Dia 1! (Oba!)

20:30h Programa de Paulista: Pizzaria!!

Dia 2 – 06/03 – Terça-feira (Manhã)

09:00h Para (re)pensar o

EvolUrb – Evolução do Processo de Urbanização das Cidades
A. Miguel V. Monteiro e Ana Cláudia Cardoso

Foco 2: Contribuições dos Estudos MESO no URBIS

Bloco 1: Aspectos Metodológicos: Em Busca de Sinergias e Convergências

09:15h *Interfaces da Saúde na escala MESO: Onde e Como*
Diego Xavier

09:45h *Métricas de Paisagem Urbana: Estágio Atual*
Fred Roman

10:15h *A Questão Fundiária: Onde Estamos*
Pedro Alves

10:45h Cafézinho!

11:00h *Discussão Geral e Encaminhamentos para a Pauta Vespertina*
Relatora: Ana Cláudia

Produto-Meta:

1. Definir ou apontar as *idades-nós* para início dos pilotos: URBIS-1, URBIS-2 ou URBIS-3
2. Estabelecer as relações entre o núcleos envolvidos nesta tarefa.
3. Estabelecer o foco dos processos saúde-doença para os pilotos
4. Como a Demografia pode colaborar neste cenário ?

12:45h Almoço

Dia 2 – 06/03 – Terça-feira (Tarde)

13:45h *Sessão Vespertina: Delimitação de Escopos e Encaminhamentos e Ações*
Moderador: Miguel
Relator: Ana Cláudia

Dinâmica: Responder as demandas para delimitação do escopo e tamanho do **EvolUrb.**

Produtos-Meta:

1. Delimitação da versão inicial para o **EvolUrb.** Que níveis ele possui. Quais Núcleos trabalham e em quais níveis. Quais são os “produtos-resultados” esperados para este níveis do modelo. Como vamos estabelecer a cooperação entre os núcleos.
2. Necessidade de Campo? Como, Onde e Quando ?

16:00h Encerramento Oficial da Reunião Técnica

16:30h Lanche Final de Confraternização !! Bom Retorno para Todos!!

Projeto URBISAmazônia

REUNIÃO
MICRO/MESOESCALA

05, 06/03/2012

9:00 – 18:00

LOCAL: INPE-SJC

COORDENAÇÃO DA REUNIÃO	Antônio Miguel Vieira Monteiro (INPE) e Ana Cláudia Duarte Cardoso (ITV DS)
MOTIVO DA REUNIÃO	Reunião geral de alinhamento aspectos metodológicos em busca de sinergias e convergências na Microescala e meso escala.
PESQUISADORES	Isabel Escada; Silvana Amaral; Leila Fonseca; Pedro Ribeiro (INPE SJC), Ana Paula Bastos (NAEA), Roberto do Carmo (Unicamp), Pedro Alves (ESAF), Diego Xavier (Fiocruz)
BOLSISTAS ESTUDANTES	/ Frederico Ramos (FGV); Marcio Caparroz e Ricardo Dagnino (Unicamp), Ana Paula Da' Asta (INPE SJC), Fabrício Guedes; Marcília Negrão (UFPA), Ana Carolina Lima; Sibelle Diniz (CEDEPLAR/UFMG)
OBSERVADORES	Lilian Medeiros; Flávia Feitosa; Fernand; Giovanna Spindola; Raian Maretto (INPE SJC)

I. DINÂMICA DA OFICINA

Convergências e discussão dos aspectos metodológicos
Interdisciplinaridade pragmática, apresentação de posição: práxis (ação) versus logo (capacidade de reflexão).
Objetivo: Favorecer o encontro para favorecer a comunicação.

II. APRESENTAÇÕES (Sessão I – Contribuições dos Estudos Micro para o Urbis) 05/05/2012

<ol style="list-style-type: none">1. Dinâmica das micro-redes (Silvana Amaral)<ol style="list-style-type: none">a. Redes de localidades, localidades e comportamentos urbanizados. Referências: Monte-Mór (2004,2010); Cardoso, Lima (2006).b. Identificação dos núcleos: ribeirinhos e de terra-firme a partir de ferramentas de sensoriamento remoto, apoiadas por pesquisa de campo.c. Caracterização de redes: identificação dos nós e da hierarquia existente.d. Relacionamento entre fixos (uso da terra) e fluxos (estrutura da rede).e. Metodologia de sensoriamento remoto: média resolução (Landsat) e alta resolução (CBERS): identificação de unidades espaciais relacionado com presença humana. Pesquisa de Campo: identificação de vazios urbanos, arruamento.f. Fontes: dados secundários censo, setores censitários.g. Procedimentos de pesquisa de campo: validação de imagens, estrutura e dinâmica das comunidades, coleta de informação; transectos ao longo da malha, croquis representativos, organização e funções na localidade.h. Questionários (simplificação do REGIC): organização e histórico da localidade; equipamento e infra-estrutura; saúde e educação; uso da terra. Informantes chave: presidentes de associação de moradores e Agentes Comunitários de Saúde; principais carências e relações de dependência entre os núcleos.i. Análise estatística 30 variáveis, normalização; ACP e hierarquia de cluster, definição de 5 clusters;j. Resultados: 107 núcleos; 84 com questionários; redução de variáveis conforme presença de serviços e equipamentos urbanos; qualificação dos serviçosk. Agrupamento hierárquico: 5 grupo de comunidades; variáveis mais representativas; principais características.l. Tipologia urbana: maiores, consolidadas, mais recentes e mais dependentesm. Oito sedes municipais e 10 distritos.n. Construção de redes através de matrizes de origem destino (trabalho da Carol); relação entre os núcleos – redes de saúde, educação e consumo; descrição das redes, níveis de centralidade e variáveis estruturaiso. Relação entre fixos e fluxos (Ana Paula, Carol e papel da urbanização no desmatamento e mudança no espaço intra-urbano)2. Métodos de investigação da paisagem (Isabel Escada)<ol style="list-style-type: none">a. Monitoramento de ocupação humana e construção de banco de dados temporaisb. Padrões espaciais de desmatamento (Lambin, 1994,1999,2001, Silva et al, 2008)c. Padrões e processos de mudança de cobertura da terra: detecção e características de padrões, mineração de dados, sistemas Geolineares, árvores de decisão.d. Extração de atributos do GEODMA: estabelecimento de tipologia de padrões e sua semântica, classificação GEODMA;e. Mineração de dados de Sensoriamento Remoto, Landscape Objects (Silva e Kortig, 2009) e célulasf. Aplicações: mudança de configuração de lotes, fragmentação, transferência, concentração; tipologia de padrões de assentamento: linear – típico colono; irregular; concentração – começa a aumentar a partir de 1988.g. Métricas de paisagem por manchah. Modelo de decisão. Células: índice de classe, conjunto de manchas de uma só classe. Definição do tamanho da célula: 10km;i. Padrões: difuso - início da ocupação e pequenas fazenda; geométrico - grandes proprietários; multidirecional; consolidados. Avaliação qualitativa e quantitativaj. Trajetórias dos padrões: consolidação e expansão

<p>k. Classificação feita a partir do processo em estudo. Caso da dissertação de Isabel Reis sobre dengue. Definição do tamanho das células compatível com o processo; tipologia pensada no mosquito e no homem (10 unidades de paisagem).</p> <p>l. Deve partir-se do conhecimento de campo, boas imagens da terra, definição da escala de análise – recorte geográfico e tamanho das células; associação entre padrões e processos; validação/avaliação de campo; articulação com dinâmica de padrões populacionais e urbanos.</p> <p>3. Migração e Mobilidade (Roberto do Carmo)</p> <p>a. Considerar a matriz de migração para todo o Brasil pode ser importante para entender o Pará.</p> <p>b. Aspectos importantes: definição de tempo e espaço (mais de um ano é migração menos é mobilidade/pendularidade)</p> <p>c. Mobilidade dentro no município não é migração, como é amostral não é representativo para setor censitário só para município, não existem áreas de ponderação para o Pará.</p> <p>d. Tendências da Matriz migratória internacional, evidência muda dos migrantes europeus para sul-americanos.</p> <p>e. Pendularidade municipal</p> <p>f. Potenciais variáveis censitárias para investigar migração: data fixa, residência original, restituição populacional</p> <p>g. Os dados censitários não permitem a reconstituição dos processos, é necessário trabalho social e histórico. Sugestão de leitura sobre o tema: Fronteiras Contestáveis.</p> <p>4. Circuito inferior da economia – Economia Solidária</p> <p>a. Entender mais os processos do que os padrões.</p> <p>b. Relações produtivas da economia popular em articulação com os processos de urbanização e sua relação com circuitos superiores.</p> <p>c. Economia popular: tem características de sobrevivência e não de lucro, se insere no circuito inferior de Milton Santos, não é necessariamente solidária, é mais próxima das características da região. Economia solidária: relações não necessariamente mediadas por moeda, caráter solidário.</p> <p>d. Expectativa de identificação dessas atividades através do censo demográfico, uso e ocupação.</p> <p>e. Primeiro levantamento realizado no Pará</p> <p>5. Regionalização de Cidades</p> <p>a. Repensar o espaço urbano-regional na Amazônia</p> <p>b. Investigar dinâmica territorial</p> <p>c. Identificar padrões de centralidade e interiorização (urbanização extensiva)</p> <p>d. Metodologia: Análise multivariada do REGIC, BDgeo</p> <p>e. Indicadores: características sócio-demográficas – RAIS (empregos formais e informais) participação no setor produtivo (terciário, secundário, primário), dinâmicas de migração.</p> <p>f. Identificação dos polos e subpolos regionais – urbis macro.</p> <p>6. Possíveis Interfaces Urbis Micro-meso (Ana Cláudia Cardoso):</p> <p>a. Foco da rede: políticas públicas. Estratégia: modelagem econômica, estatística, espacial, computacional. Potencial de desenvolvimento de concepção metodológica para análise de núcleos e assentamentos em larga escala. Desafio: apresentação de dados e processos de forma compatível com o léxico das disciplinas envolvidas.</p> <p>b. Contribuições efetivas: troca de paradigmas, leitura de processos e trajetórias.</p> <p>c. Evidências: racionalidade econômica, trajetória da urbanização, arranjos sócio-institucionais, estruturas sócio-espaciais.</p> <p>d. Variáveis de interesse: padrões de migração, ciclos econômicos e de urbanização, escala de capital, atores sociais.</p> <p>e. Provocações: Afinal o q urbano na Amazônia? Podemos falar de um padrão específico de urbanização na Amazônia? Quais são os componentes desse padrão? Quais os processos políticos, econômicos e culturais q produzem a urbanização na Amazônia? Quais são os agentes que atuam nesse processo? Como se relacionam? Quais são as características dos produtos sócio-espaciais desses processos? Quais são os efeitos desses processos nas vidas das pessoas? Quais são os efeitos desses processos sobre o meio ambiente? Para rios e florestas?</p>

II. SUGESTÕES

<p>1. Roberto: São Félix tem que ser investigado, crescimento é impressionante. Sugestões de literatura: Marianne Schmink, livro sobre S. Felix, _____ fronteiras.</p> <p>2. Miguel: re-afirmação de S. Felix como ponto de partida do Urbis 1.</p> <p>3. Pedro: 1º resultados com dados censo 2000, migração e tipo de migração</p> <p>4. Miguel: cada grupo tem uma entrada e pode adaptar as suas análises. EvolURB é que depende de definição coletiva. Pedro: necessidade de estabelecer a agenda de entrega de produtos</p> <p>5. Miguel: necessidade de explorar a matriz migratória de 2000.</p> <p>6. Ana Cláudia: marcos definidos no convênio com entrega em 2012, junho Centralina, novembro MEGC.</p> <p>7. Miguel: matriz migratória já dá um olhar diferente, mobilidade.</p>
--

II. APRESENTAÇÕES (SESSÃO II – CONTRIBUIÇÕES DOS ESTUDOS MESO PARA O URBIS) 06/05/2012

<p>1. Métricas de Paisagem Urbana: Estágio Atual (Fred Roman)</p> <p>a. Discussão para definição de métricas: Extensão da área urbanizada: medida que inclui ou não vazios; Densidade populacional da área urbanizada; Centralidade: predomínio dos modelos monocêntrico (centro que polariza os gradientes de emprego da cidade) enquanto há tendência empírica de polinucleação das cidades; Fragmentação ou desenvolvimento disperso; Compacticidade; Métricas de área, extensão e expansão; Características de pixels: urbana, suburbana, rural; Diferenciação dos pixels; Classificação das áreas abertas; Métricas baseadas em densidade: Densidade da área urbanizada, densidade do footprint urbano, gradiente de densidade, intercepto de valor de densidade.</p> <p>b. Aplicação para Belém. Diferenças em relação à cidade americana. Investigação da composição do mercado de terras.</p> <p>c. Índice de espaços abertos, razão de footprint urbano, preenchimento, extensão (contíguos), leapfrog (descontínuos); Índice de proximidade, índice de coesão: Medida de rugosidade de terreno: aptidão à construção.</p>

<p>d. Trabalhos publicados em 2006 e 2008; a partir de técnicas de sensoriamento remoto.</p> <p>e. Componentes da economia neoclássica se apresentam ligados à dinâmica do capital, outros aspectos só poderão ser explicados a partir de estruturação e práticas locais.</p> <p>2. Interfaces da Saúde com o Urbis (Diego _____, baseado na tese de Patrícia Feitosa)</p> <p>a. Análise: avaliação do serviço, diferenciação dos agravos de saúde. Qualidade desse urbano, como a saúde responde ao urbano contemporâneo? Como a rede de saúde está dando conta do Pará? Identificação dos principais centros de referência e da origem das internações (contra-referências).</p> <p>b. Mapa de fluxos de internações. Mapa a partir da sede do município. Centróide não corresponde à localização da sede do município. Dominância de fluxo, classificação de fluxos. Como a rede funciona.</p> <p>c. Disponibilidade e especialidade do hospital. Fluxos transversais, hierarquia. Fluxo por mesorregião. Saúde do viajante.</p> <p>d. Pegar todos os agravos é complicado. Talvez adotar agravos relacionados à atividades relevantes para a região.</p> <p>e. AIH = dinheiro. Internação tem comportamentos esquisitos, difícil de rastrear. Evolução do pagamento por internação o pagamento por procedimento.</p> <p>f. Dados de homicídio de 1980 a 2005, ponto na sede do município. Corredores de ligação (rodovia falta colocar hidrovias)</p> <p>g. SIVEP (dados da Secretaria de Saúde).</p> <p>3. A dimensão fundiária (Pedro Alves)</p> <p>a. i3geo.mda.gov.br, banco de dados do MDA, disponível na internet.</p> <p>b. Parcelas Terra Legal – havia 13 mil parcelas georeferenciadas, 900 tituladas. Qualquer pessoa poderia se manifestar e contestar. Na maioria dos distritos urbanizados (150) receberam a titulação da terra pela União. A ação da união terminou com o ciclo de repasse, a regularização dentro do município fica a cargo do poder local. O MP que investigue o que aconteceu. A SPU ao regularizar uma área urbana avalia os requisitos, e beneficia o ocupante.</p> <p>c. O MDA regulariza em nome da prefeitura e o controle social acontecerá. O que vai acontecer? Como se deu o repasse da prefeitura para os ocupantes? O quanto estas terras vão virar instrumentos de poder?</p> <p>d. Dificuldade de acesso à informação. O status quo define as regras, prevalecendo à institucionalidade. O uso da força sempre deixa uma forte ressaca após o término de operações federais.</p> <p>e. Na nossa conceitualização como integraremos a questão fundiária? Por que as pessoas decidem ir para as cidades? Oportunidades, acesso a direitos. Por que vão para o Pará? Brasil ao cubo. Ganha-se muito dinheiro, mas há muita violência.</p> <p>f. Contribuição do Pedro: corneteiro. Articulação com o NEAD, tendo em vista futura publicação.</p>
--

II. ENCAMINHAMENTOS

<p>1. Busca de construção de referencial alternativo ao neoclássico, e mais adequado para a dinâmica de expansão da cidade paraense. Estratégia de diálogo ampliado: desenvolvimento de paralelo entre abordagens neoclássica (autores citados por Fred, David Clark), já em desenvolvimento pelo Fred Romam; abordagem heterodoxa para economia urbana do Pedro Abramo (livro Cidade Caleidoscópica), já sistematizada por Flávia Feitosa e Miguel Monteiro, e abordagem de Jane Jacobs (livros The Economy of Cities e Natureza das Economias), em desenvolvimento por Marcília Negrão, Paula Bastos e Ana Cláudia Cardoso. Vídeo conferências: Flavia apresentar o material sobre o Pedro Abramo, Marcília apresenta Jane Jacobs, Fred apresenta literatura neoclássica. Prazo para essa triangulação ser concluída: ago 2012.</p> <p>3. A matriz de migração será disponibilizada e será feita uma síntese para os municípios selecionados para as pesquisas de campo.</p> <p>4. Desenvolver um glossário de terminologias específicas para facilitar a comunicação entre as disciplinas</p> <p>5. Manutenção de Belém como piloto para calibragem da abordagem de análise para a mesoescala, por oferecer melhor aderência à lógica da economia neoclássica, maior disponibilidade de informação e acúmulo de pesquisas.</p> <p>3. Verificar condições de pesquisa do IBGE para a região (caso de vínculo de população ao distrito sede de Belém). Aproveitar dissertação da Bruna Ribeiro (PPGAU/UFPA) para conferir paralelos entre o que acontecia em Belém há cem anos, e o que acontece hoje em áreas ribeirinhas remotas. As funções urbanas estão associadas à disponibilidade de infraestrutura e serviços?</p> <p>4. Todos os núcleos devem contar com Instrumental comum mínimo para manuseio de ferramentas de sensoriamento remoto e geo-processamento. Núcleo Belém buscará suporte do INPE Amazônia para superar deficiências.</p> <p>5. Sugestões para a equipe da Fiocruz: Diagnóstico meso, uso de mapeamento das redes. Selecionar e estratificar as AIH, idade e sexo, evolução no tempo, implantação dos hospitais. Diálogo entre demografia e rede. Articulação com doenças derivadas de atividades econômicas (hanseníase, tuberculose, AIDS, associação com grandes empreendimentos).</p> <p>. Belém poderia apoiá-los buscando endereço das estabelecimento de saúde que foram implantadas no tempo: data e endereço. Se possível público e privado, postos das FUNAI. Unidade básica de saúde para as cidades que serão detalhadas. Belém, e recorte do Urbis 1. Cerimonial do secretário de saúde pode ser um caminho. Que bancos de dados a segurança dispõe: BO (cadastro nacional endereço - CDNE). Perguntar sobre procedimentos, ações do governo federal nas áreas, que possam estar associados aos indicadores. Base cartográfica das cidades onde queremos espacializar os eventos.</p> <p>6. Decisão de atacar primeiro o URBIS 1 – Implicações: precisamos construir um consenso sobre abordagem, a depender do conjunto de dados disponíveis. Realizar campo exploratório. Revisar literatura disponível. (Trajetórias tecnológicas do Chiquito, trabalhos sobre São Félix do Xingu). O urbis 1 é a área com menos dados da escala micro, o que demandará maior planejamento de campo nessa escala. Campo institucional no URBIS 1 deverá ter foco em Ourilandia, Tucuma, Maraba, São Felix do Xingu e Parauapebas restrito à sede dos municípios.</p> <p>7. Campo para o Urbis 2 está mais amadurecido, agregar leituras com a demografia. Para isso seria importante dispor dos polos e subpolos que surgirão dos modelos centralina. Partida de Santarém para as microrredes. Como abrir metodologicamente a caracterização dos pólos? Explorar as métricas disponíveis nas sedes. Abrangência Santarém, Altamira, Belterra e Itaituba no URBIS 2.</p>
--

8. O centralina reflete o circuito superior da economia – o que estamos tentando encontrar são os outros circuitos - Precisamos encontrar os limites de cada modelo. O campo mais completo de microrede será URBIS 2 – tentaremos desenvolver uma tipologia de unidades de ocupações para a Urbis 1 e 2. Na urbis 1 faremos um campo institucional pra entender a dinâmica da mobilidade em São Felix. Estas tipologias podem ser feita pela caracterização do entorno imediato e remoto da Isabel – caracterização por setores censitários e densidade demográfica Buscamos uma tipologia de formas urbanas para depois buscarmos uma caracterização das trajetórias de urbanização. O que queremos olhar – formas urbanas e usos. Métrica de aglomeração / forma de ocupação do entorno com processos.

9. Contribuição da terra é fundamental para a compreensão dos circuitos econômicos. Levantamento de informações que permitam a compreensão da situação fundiária no estado: Iterpa, SIPAM, INCRA, Cartórios, bases de dados que o Chiquito / Benatti utilizam.

10. O resultado da Praxis – a discussão sobre os resultados dos grupos, é na verdade o que criará o resultado integrado. Cada grupo tem sua entrada – a matriz migratória por exemplo é o resultado do NEPO. O modelo de análise para a Meso escala, (Fred) é resultado neoclássico que incorporará dados adicionais e terá seu resultado aberto à discussão coletiva. O modelo que mais precisa avançar é o EvolUrb. Precisamos materializar este conjunto de modelos Evolurb constituído por sedes, assentamentos e as microrredes. Precisamos entender que nossa contribuição parte da 'generosidade' dos grupos em compartilhar seus olhares específicos. É PRAXIS (ação) vs. LOGOS (capacidade de racionalização).

11. Seria possível estabelecer uma tipologia inicial de UEGH – reflete diferentes tipo de aglomerados – se avançarmos para uma tipologia dessas unidades por caracterização – a Ana Paula já desenvolveu um trabalho de caracterização de Santarém e Altamira que poderia ser aproveitada como dados exploratório.

12. Fabrício: levantamento de infraestrutura informacional, malha de fibra ótica, pontos de acesso, + rede de energia. Vigei contato Inpe. Renato Francês. Secti. Shapes da rede e dos pontos. Propriedades da rede. RNP Belém.

13. Colocar na wiki as discussões dos grupos de estudo.

Projeto URBISAmazônia

REUNIÃO SETORIAL

20/04/2012

PRESENCIAL

LOCAL: INPE SJC

COORDENAÇÃO DA REUNIÃO	Antonio Miguel Vieira Monteiro (INPE SJC),
MOTIVO DA REUNIÃO	Reunião Setorial entre os grupos de Mesoescala do INPE-SJC e da FGV-SP para ajustes de agenda
PESQUISADORES	Frederico Roman (FGV-SP), Maria Isabel Sobral Escada (INPE-SJC) e Flávia Feitosa (INPE-SJC)
BOLSISTAS ESTUDANTES	/ Carolina Pinho (INPE-SJC)
OBSERVADORES	

1. PAUTA

1. Discussão de Métricas de Paisagem Urbana: Definições e Aplicações para o UrbisAmazonia

Relato:

#1 – Breve retomada da discussão ocorrida na oficina de 06/03 em SJC (Reunião MESO-MICRO), onde foram apresentadas as métricas desenvolvidas pela FGV para análise comparativa das metrópoles mundiais.

#2 – Discussão sobre a caracterização do **EvolUrb** – Foi definido pelo Miguel como um “*framework* onde a análise da paisagem através de métricas e técnicas de sensoriamento remoto é um dos seus componentes, associado a análise histórica de ocupação da região”

#3 – Definiu-se que a equipe FGV organizará de forma sistematizada os resultados alcançados com as métricas já aplicadas para a região metropolitana de Belém e replicará esta abordagem para a cidade de Santarém. Este relatório conterá :

1. detalhará as métricas utilizadas, fórmulas, composição e significado;
2. os resultados quantitativos espacializados em cartas serão produzidos para discussão sobre o alcance e limitações da metodologia para as realidade de Belém e Santarém, em conjunto com os grupos do INPE e de Belém (ITV-DS, INPE Amazônia e UFPA);

#4 – A equipe do INPE-SJC aplicará para área de Santarém as métricas de paisagem de desflorestamento segundo a metodologia apresentada por Isabel na oficina de trabalho em março em SJC. A partir daí haverá a possibilidade de avaliação integrada das duas metodologias de análise de paisagem. Esta avaliação será realizada em conjunto com a equipe INPE (SJC e Amazônia), ITV-DS, UFPA e FGV.

#6 – Por fim, foi definido que avançaremos na discussão para a construção de métricas de paisagens contextuais, que possibilitem a incorporação de classes de usos do solo no entorno das áreas urbanizadas como perspectiva possível para capturar assim, em expressão territorializada, o conceito de urbano extensivo, através da caracterização destes entrelaçamentos entre urbano e rural. Esta discussão deve ser ampliada e com todos os times MESO-MICRO no INPE SJC, INPE Amazônia, FGV, ITV-DS e UFPA.

2. ENCAMINHAMENTOS

1. Miguel deve organizar as agendas e contatar os grupos envolvidos.